



O SUJEITO HIPERMODERNO: DO LAÇO SOCIAL AO NÓ DO MERCADO

THE HYPERMODERN SUBJECT: FROM THE SOCIAL BOND TO THE INDUSTRY'S KNOT

Helena de Almeida Cardoso Caversan¹
Mardem Leandro Silva²

RESUMO: O artigo tem como origem a indagação do que caracteriza o sujeito da psicanálise e como ele se insere nos excessos da sociedade atual, buscando um recorte temático a respeito da compulsão ao consumo e aos modos de subjetivação decorrentes desta. Partindo da pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito, que aponta um alto índice no que se refere ao não controle do desejo de compra, discutimos o assunto com o objetivo de realizar uma leitura, à luz da teoria de Sigmund Freud e Jacques Lacan, acerca do sujeito contemporâneo e sua relação com os objetos nesta dinâmica da compulsão ao consumo. Lipovetsky e o seu conceito de hipermodernidade nos dá o pano de fundo para o debate sobre uma sociedade na qual o Outro não mais existe, e que é povoada por sujeitos que não se relacionam mais entre si, mas sim com os objetos de consumo produzidos pela ciência: os chamados gadgets. A dificuldade de lidar com o vazio estrutural, preenchendo-o a todo momento pelos produtos de consumo, portanto, é um aspecto que possui presença marcada na clínica, podendo ser configurado com o grande mal-estar de nossa época.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo; Discurso do capitalista; Hipermodernidade; Objeto a; Sujeito.

ABSTRACT: The article has as its origin the questioning about what characterizes the psychoanalysis subject and how he inserts himself in the excesses of the current society, looking for a thematic about the compulsion to consumption and the modes of subjectivation resulting from it. Based on a survey by the Serviço de Proteção ao Crédito, which indicates a high rate regarding the non-control of the purchase desire, we discussed the subject with the purpose of reading it, in the light of the theory of Sigmund Freud and Jacques Lacan, about the contemporary subject and his relationship with the objects in this dynamic of consumption compulsion. Lipovetsky and his concept of hypermodernity gives us the background to the debate about a society in which the Other no longer exists, and that is populated by subjects who no longer relate to each other, but to the objects of consumption produced by science: the so-called gadgets. The difficulty of dealing with the structural emptiness, filling it constantly with consumption products, therefore, is an aspect in the clinic, and it can be configured with the great malaise of our time.

KEYWORDS: Consumption; Capitalist discourse; Hypermodernity; Object a; Subject.

1 INTRODUÇÃO

O que caracteriza um sujeito? Segundo Aristóteles trata-se de uma propriedade de agência, mas mais que isso, significaria aquilo que subsistiria às mudanças, e o filósofo o nomeou como *hypokeimenon*, um termo grego para significar este *algo* subjacente que, a despeito de ser substancializado, poderia intencionar. De Aristóteles (2002), passando pelos lógicos medievais chegando até a modernidade, temos com Descartes a proposição de um corte que ambiciona reconhecer no termo sujeito a garantia de um ego pensante. Ocorre que, com

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Divinópolis. helenacaversan@gmail.com

² Doutor em Psicologia, na linha de pesquisa “Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultura”, pela UFMG. Professor na UEMG – Unidade Cláudio. mardemls@yahoo.com.br

Freud, temos uma decisiva transposição, do *cogito, ergo sum* se deriva o *desidero, ergo sum*: o pensar passa a ceder lugar ao desejar.

Salvo as consideráveis diferenças temporais e filosóficas entre as concepções de sujeito tanto em Aristóteles quanto em Descartes, ambos se apresentam como influência decisiva para o empreendimento lacaniano de uma *subversão do sujeito*, assim como Hegel se revelou decisivo para a consecução de uma *dialética do desejo*. De um lado temos que “Aristóteles é o intruso filosófico mais constante de Lacan” (Cassin, p. 2012, p. 10) e, de outro, que o *Discurso do método* cartesiano se propõe como condição de possibilidade filosófica para se pensar a cesura perpetrada pela modernidade, da qual o sujeito moderno vem a reboque. Mas o sintagma: *penso, logo sou* será relido por Lacan (1967-68) às expensas de se fazer valer a hipótese do inconsciente. Sob estas condições o psicanalista afirmará: *penso onde não sou, sou onde não penso*, pois para a relação significante, o sujeito lacaniano “não é uma precondição, mas uma antecipação. Ele é *suposto, hypokeimenon*; essa é sua essência, sua definição lógica” (1968-69/2008, p.87). Desta passagem, temos que Lacan (1960/1998) subverte tanto as proposições de Aristóteles, quanto as do *cogito* cartesiano, ao propor um fundamento lógico para sua concepção de sujeito do inconsciente: “o inconsciente decorre do puro lógico”³,

Em meio a esta transposição, Lacan se propõe como legítimo legatário da herança tanto aristotélica e cartesiana, quanto freudiana. Lacan é um homem de ciência, sensível aos obstáculos epistemológicos em jogo nas aparentes facilidades destas transposições. De Aristóteles, Lacan herda e subverte a noção de sujeito como *hypokeimenon*: o sujeito lacaniano, segundo Porge (1996, p. 502) seria este algo subjacente, nos termos de se verificar como a própria hipótese do inconsciente. De Descartes Lacan se reconhece herdeiro do corte perpetrado pela ciência moderna, já que seu sujeito seria admitido como efeito do advento da ciência cartesiana moderna (MILNER, 1996).

Num texto de 1960, *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, Lacan (1960/1998, p. 835) reconhece que ao se fazer valer a lógica de constituição do sujeito a partir da materialidade do significante, se faz necessário subverter as noções filosóficas, e mesmo científicas, em detrimento do que o desejo passa a impor ao pensamento. Em outras palavras, o desejo passa a se configurar como um critério sem o qual o sujeito não poderia ser admitido nos termos do que a sociedade moderna passaria a impor. Mas, estas mesmas proposições lacanianas poderiam ser admitidas ao se considerar os termos de uma sociedade hipermoderna? Com esta questão nos propomos investigar alguns elementos do que seri-

³ Na contracapa dos *Outros Escritos*, Jacques-Alain Miller afirma que Lacan resumia seus *Escritos* com a frase “o inconsciente decorre do puro lógico, ou seja, do significante”.

am as condições de possibilidade de se pensar as determinações do sujeito hipermoderno para a psicanálise.

Assim, partimos da reflexão sobre alguns aspectos que compõem a sociedade contemporânea e que, conseqüentemente, incidem sobre os sujeitos que a integram. O recorte temático escolhido para esta investigação concerne à compulsão ao consumo e aos modos de subjetivação decorrentes desta. Esse elo entre subjetividade e cultura parte da correlação feita tanto por Freud quanto por Lacan em diversos desdobramentos de suas teorias.

De acordo com o levantamento realizado pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas (CNDL), publicada no início de 2016, 44,5% dos entrevistados relatam não serem capazes de resistir ao que chamam “o desejo de comprar”, mesmo que determinado objeto não lhes seja necessário. Além disso, outros 36,9% apontam que esse desejo de compra parece não cessar até que algum produto seja adquirido. O argumento usado pelos entrevistados circunda dois aspectos: 1º) o preço dos produtos, melhor ilustrado pela palavra “promoção”; 2º) o valor, a importância que aquele produto possui, ou seja, se ele é ou não muito desejado (SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO, 2016).

Dessa forma, na atualidade, chama-nos a atenção a percepção de que a ânsia ao consumo vem se tornando um fator de extrema evidência, na medida em que ganha, cada vez mais, espaço nos debates e reflexões de diversos campos do saber, principalmente, na área da saúde, em discursos da psiquiatria, saúde mental e psicologia. Assim, na 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION - APA, 2014) é possível encaixar o consumismo na categoria diagnóstica “outro transtorno disruptivo, do controle de impulsos ou da conduta”, da classe dos “transtornos disruptivos, do controle de impulsos ou da conduta”. O que significa dizer que o ato de consumir em demasia entrou para o rol das psicopatologias do contemporâneo.

Essa configuração atual da psicopatologia não se dá sem conseqüências, visto que o discurso médico, balizado pelo fortalecimento das indústrias farmacêuticas, encontraram na facilidade classificatória do diagnóstico um modo de fomentar o capitalismo por meio do consumo exacerbado de psicotrópicos como ansiolíticos e antidepressivos, de forma a emudecer o ecoar do sintoma, isto é, o ecoar do que seria o mais próprio do sujeito, fazendo com que este último se apague, seja em meio as pílulas ou em meio as compras. As ciências médicas, portanto, esforçam-se, como assevera Dunker (2015), na tentativa de encaixar na categoria de doença aquilo que se coloca mais propriamente no que Freud (1930 [1929]), muito bem explicou, como um mal-estar inerente à civilização.

A partir do teorizado por Freud e do que se apresenta nos estudos do SPC, é possível trazer à discussão a importância que o Outro social possui para a manutenção do desejo de compra, uma alusão perfeita ao circuito pulsional apresentado por Lacan (1964/2008), enfatizando a demanda do Outro, no que diz respeito ao circular da pulsão. Por esse viés, Silva e Vaz (2018) discorrem que o objeto a ser consumido “não se trata somente de um objeto de desejo próprio da pulsão, mas de um objeto de desejo atribuído pelo apelo publicitário ao consumo” (p. 11). O sistema capitalista, no qual a contemporaneidade está mergulhada, possui o funcionamento atrelado a essa lógica, de que quanto mais objetos valorizados pelo social os sujeitos consomem, maior poder e *status* eles possuem e, concomitante a isso, maior a força que se dá às engrenagens do capitalismo.

A partir desses apontamentos iniciais, indaga-se: como a psicanálise contribui para uma reflexão acerca do hiperconsumo, que tem se apresentado como grande fonte de sofrimento psíquico, e sua alteração na dinâmica relacional do sujeito contemporâneo? No rastro de respostas para tais perguntas, a discussão seguirá com o objetivo de realizar uma leitura, à luz da teoria psicanalítica, acerca do sujeito contemporâneo e sua relação com os objetos nessa dinâmica da compulsão ao consumo. Para tanto lançamos mão de uma metodologia pautada na revisão bibliográfica de cunho psicanalítico, tendo como fonte principal de investigação textos de Jacques Lacan, com ênfase em sua teorização sobre o Discurso do Capitalista, não dispensando o auxílio de comentadores, como Antônio Quinet e Elisabeth Roudinesco e demais autores da psicanálise, assim como textos freudianos. Além disso, utilizaremos Lipovetsky e outros sociólogos que nos forneçam elaborações da cultura contemporânea e dos efeitos dos mecanismos sociais de consumo na subjetividade de nossa época.

Destaca-se que tal discussão apresenta-se como pertinente e enriquecedora para o âmbito acadêmico, no que tange à formação dos profissionais da psicologia e outras áreas da saúde, justamente pela atualidade do tema e pelo espaço que o consumo excessivo vem ocupando no sofrimento psíquico do sujeito contemporâneo. Ainda se percebe a relevância no âmbito social, posto que o consumismo emerge como uma identidade própria de uma sociedade altamente capitalista. Por fim, ressalta-se a relevância profissional, pois, como observado por Rosa (2010) e explicitado no título de seu artigo, a clínica atual pode se configurar como uma clínica do consumo.

2 O SUJEITO DO INCONSCIENTE: UMA HIPÓTESE SUBVERSIVA

O sujeito da psicanálise apresenta-se como um tópico de indispensável importância teórica e clínica, no entanto, ao ser devidamente formulado e categorizado por Lacan, não aparece com o *status* de um conceito fundamental, - embora sim atue em consonância e articulação com os quatro conceitos fundamentais propostos (LACAN, 1964/2008) - mas irrompe como um operador *no* inconsciente. Tomar o sujeito como um operador, portanto, diz, na perspectiva psicanalítica, que ele aparece mais como aquilo que *se impõe* ao trabalho do psicanalista, do que como algo que emerge enquanto produto da construção em análise (ELIA, 2010).

Do que, então, trata-se o sujeito da psicanálise? Primeiramente, enquanto sujeito do inconsciente, ele se apresenta como barrado, um sujeito dividido pela linguagem. A proposição de um corte, como já citado anteriormente, advém de um dos pilares de sua fundamentação: o corte que fez advir o sujeito moderno. O que se conhece como ciência, tem sua origem no século XVII como um poderoso rompimento epistemológico encenado sob a rubrica do chamado cogito cartesiano, proposto por René Descartes que, elaborando um método pautado na dúvida, atesta a existência do sujeito em função do pensamento: *Cogito, ergo sum*, traduzido como *Penso, logo sou* (DESCARTES, 1988). Descartes, portanto, é um dos representantes do racionalismo, corrente de pensamento na qual as ideias são consideradas inatas, ou seja, são construtos *a priori* sobre os quais o sujeito da razão – aquele que pensa e, por isso, é – se utiliza a fim de conhecer e atuar no mundo. Desse modo, o sujeito da razão aparece como aquele que coloca uma certa intencionalidade em seu modo de funcionamento, evidenciada pelo ato do pensamento como um oportuno ato de vontade, apontando a instância própria do Eu como regente tanto da razão quanto da vontade (SILVA, 2014).

Todavia, a proposição de um sujeito da psicanálise caminha ao avesso da vontade, na medida em que Freud nos assegura de que o Eu não é senhor em sua própria casa, atestando a existência do inconsciente, instância esta que determinaria o sujeito. O sujeito lacaniano, assim, possui como condição de constituição o próprio corte, o que significa que ele apenas é no sentido do próprio inconsciente, advindo enquanto barrado mediante ao encontro com o Outro da linguagem, em função do qual encontra-se sempre assujeitado. Nesse sentido, podemos assegurar que o sujeito da psicanálise, em contraponto ao sujeito cartesiano, não atua enquanto agente, pois ele se constitui com relação direta a posição do grande Outro, cujas regras e convenções simbólicas regulam e determinam o próprio sujeito (TOREZAN; AGUIAR,

2011). Por conseguinte, a psicanálise possui como uma de suas características principais, um discurso pautado na validação da hipótese de seu sujeito do inconsciente.

Dizer de um sujeito do inconsciente inclui aqui um sujeito do desejo, conceito este que se coloca entre a pulsão e o próprio inconsciente. Em *Além do Princípio do Prazer* (1920/1996), Freud apresenta sua segunda teoria pulsional, na qual a pulsão de morte surge como um movimento de ordem mais arcaica e, junto a repetição, se apresenta enquanto uma variação do funcionamento psíquico através do princípio do prazer, como exemplifica por meio dos fenômenos clínicos das neuroses de guerra, das brincadeiras infantis e dos próprios sonhos. Lacan, ao tratar dos conceitos fundamentais (1964/2008), retorna à pulsão de morte atribuindo-lhe uma estreita afinidade a sua noção de Real, já que essa forma de apresentação pulsional se daria além das representações do psiquismo, interpondo o Real como óbice lógico face ao registro Simbólico. Ainda nesse texto, outro atributo importante da pulsão é apresentado: seu caráter parcial e circular, o que significa, em resumo, que: 1) a pulsão nunca é satisfeita por completo; e 2) ela sempre retorna, fechando o seu circuito em função de um cabo. Esses dois pontos se entrelaçam de forma que Lacan (1964/2008) nos diz: “Se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito” (p. 176).

Lacan, assim, diferencia a pulsão do instinto, sendo que esse último teria como alvo específico um objeto que satisfaria aquilo que é da ordem da necessidade; A pulsão, por sua vez, circunda um objeto ausente, perdido, porém necessário para manutenção de seu circuito. À isso que faz circular, a psicanálise nomeia enquanto desejo. Já em Freud (1900/1996) o desejo aparece como aquilo que busca uma satisfação primeira, original, mas que fora, de certo modo alucinada e, por isso, impossível de se atingir, embora possa ser realizada nas formações oníricas. O que marca o desejo enquanto tal, portanto, seria essa impossibilidade, esse vazio que, consoante ao corte da linguagem, faz do sujeito faltoso do inconsciente também um sujeito do desejo; Sujeito este que, apesar das diferenças interpostas, não se difere categoricamente do sujeito operado pela ciência, cujo advento, por meio de um corte fundamental, inaugura o pensamento moderno.

Apesar de se ver instalado numa perspectiva hipermoderna, Lacan (1965/1998) insiste em endossar que o sujeito do qual ele trata se refere ao sujeito da modernidade, o sujeito da ciência. Diante desta posição clínica e epistêmica de Lacan, nos questionamos sobre as consequências de um sujeito hipermoderno, e para tanto apresentamos alguns elementos de reflexão

desta condição, no ponto de primeiro tentar precisar a condição moderna do sujeito abordado pela psicanálise lacaniana.

Segundo Milner (1996, p. 28) o gesto lacaniano de pensar um sujeito do inconsciente estabelece o que o linguista denomina de “*axioma do sujeito*”, que poderia ser entendido por uma proposição que equaciona ao menos três afirmações: “1) que a psicanálise opera sobre um sujeito (e não, por exemplo, sobre um eu); 2) que há um sujeito da ciência; 3) que estes dois sujeitos constituem apenas um”. No entanto, o próprio axioma do sujeito implica numa hipótese que carrega um paradoxo, como o próprio Lacan (1965/1998, p. 873) em seu texto de 1965, *A ciência e a verdade*, nos evidencia: “dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência talvez passe por um paradoxo”. Este paradoxo se refere ao fato de que para o psicanalista “não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito”. Dito de outra forma, o sujeito da psicanálise se refere ao sujeito do inconsciente no ponto em que o inconsciente se refere a uma descoberta que só pôde se efetivar em função do corte perpetrado pela ciência moderna.

Assim, tal como Martin Heidegger (2005) diagnostica a modernidade filosófica a partir do esquecimento do Ser, Lacan (1965/1998) pensa a modernidade científica tanto como condição do sujeito da psicanálise, quanto como de sua rejeição no plano da investigação científica. E neste ponto, esta rejeição passa a funcionar como um sintoma da modernidade científica. Um sintoma que funciona, de um lado, como índice de um conflito irreduzível, e de outro, como uma formação de compromisso. No âmbito do conflito se reconhece a dificuldade de fazer coexistir a herança ontológica de Aristóteles e do subjetivismo de Descartes no plano de uma abordagem lacaniana da linguística estrutural, e no âmbito da formação de compromisso se destaca o modo como Lacan (1960/1998, p. 854) passa a fazer uso da lógica do significante para pensar seu sujeito: “o significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante”, diante disso o psicanalista francês (1965/1998, p. 875) poderá dizer que “é a lógica que aqui faz as vezes de umbigo do sujeito, e a lógica no que ela de modo algum é uma lógica ligada às contingências de uma gramática”, mas uma lógica capaz de funcionar como fundamento de uma conjectura sobre o real, sobretudo no ponto em que as ciências humanas são admitidas como ciências conjecturais, que se definem tanto pelo rigor, quanto pelo cálculo probabilístico: “ao separar o conjectural do empírico, a proposta lacaniana avança ao considerar o *real* da escrita, ou seja, sua dimensão lógica fundamental”, fundando-se “sobre a violência do significante” (SILVA, p. 377-78, 2019).

Não sem razão, Lacan (1975/2003) em seu texto, *Joyce, o sintoma*, vai substituir o conceito de inconsciente pelo termo falasser, (*parlêtre*), fazendo denotar claramente o efeito

de linguagem como condição de possibilidade de seu sujeito como hipótese do inconsciente. Entretanto, apesar das disparidades, cumpre reconhecer, junto com Gerbase (2011, p. 122), que “a hipótese lacaniana é a hipótese freudiana” – sendo a hipótese lacaniana aquela que endossa que o indivíduo afetado pelo inconsciente se apresenta como o mesmo que constitui o sujeito de um significante. Ora, “no campo científico, e independente do que pense qualquer um, a hipótese faz parte, antes de mais nada, da lógica” (LACAN, 1971/2009, p. 41), sendo assim, somente uma lógica capaz de articular um elemento que fosse, ao mesmo tempo, o sumo e o vértice da proposição científica poderia funcionar como operação atual o suficiente para dar conta de toda a heterogeneidade que se verifica na passagem do moderno para seu excesso na hipermodernidade. A este excesso, Lacan (1975/2003) dá o nome de gozo, e ao nomear o psicanalista avança ao traçar o fundamental de sua lógica, passando da *lógica do héteros* até a *lógica como ciência do real*.

A compreensão da noção de gozo na obra lacaniana impõe consideráveis elementos a se considerar, sobretudo, porque se trata sopesar ao menos quatro matrizes de sua elaboração conceitual: 1) matriz linguística, 2) ético-jurídica, 3) econômico-política, e 4) lógico-formal (DUNKER, 2002). Torna-se perceptível que estas referidas matrizes tornam o gozo irreduzível a qualquer proposição naturalista. Bem ao contrário, o gozo emerge no humano em indissolúvel articulação à linguagem, no ponto de Lacan (1972-73/1985, p. 37) afirmar categoricamente que “o significante é causa do gozo”, e na esteira desta declaração ele se questiona: “sem o significante, como mesmo abordar aquela parte do corpo? Como, sem o significante, centrar esse algo que, do gozo, é a causa material?”.

Segundo Vorcaro (in DUNKER, 2002, p. 09) a inscrição do sujeito em seus modos de gozo se refere a uma forma de exclusão interna que fixa um saber na repetição, de um cálculo referente à sua condição mesma de contador. Ora, “se o gozo é impossível, é pela eventualidade de o sujeito posicionar-se como contador que um gozo entra em ação”, pois é através da linguagem que o sujeito passa se reconhecer em meio a um cálculo que, no entanto, não se percebe como contador, e “nessa falha chamada sujeito, os efeitos da ligação discursiva operam, induzindo e determinando um cálculo, cujo *trabalho* de contar articula o *saber*”. Dito de outra forma, a linguagem permite ao sujeito falar de si, mas se abstrair como sujeito falante de um cálculo de seu gozo, no ponto em que ele não se apercebe como contador, ou mesmo como consumidor de uma dor que o consome.

Lacan (1972-73/1985, p. 11) nos esclarece que “o gozo é aquilo que não serve para nada”, que ele opera no lastro do sujeito do significante, numa perspectiva do “direito-aogozo”, e nos destaca que “nada força ninguém a gozar, senão o superego. O superego é o im-

perativo do gozo – goza!”, ou nos termos de nossa articulação: consuma! Consuma até se consumir: como um sujeito marcado irredutivelmente pela falta de um objeto, mas cernido pelo excesso de gozo propiciado pelo consumismo hipermoderno. Neste ponto somos levados a colocar em relevo a diferença imperativa do supereu freudiano, moderno, caracterizado por infringir uma culpa ao gozar, e o supereu lacaniano, hipermoderno, no qual o excesso figuraria a imposição imperativa de um gozar a qualquer preço.

3 O SUJEITO ILIMITADO DA HIPERMODERNIDADE

Para designar a faixa cronológica a qual vivenciamos neste momento, e que sucede a modernidade, há diversas nomenclaturas, sendo a mais veiculada a chamada pós-modernidade. No entanto, Lipovetsky (1944/2004) sugere outro termo que aqui mais nos interessa: a hipermodernidade. A recusa do autor em continuar proliferando a “pós-modernidade” se deu considerando que este termo denotaria apenas uma reorganização de aspectos socioculturais provenientes da modernidade, não enfatizando uma ruptura com diversas outras particularidades dessa era, como a construção de utopias futuristas (Lipovetsky, 2004), ou seja, não representaria a superação da idade moderna, apenas uma nova face para a mesma moeda. Assim, o autor sugere o termo em função da característica do grau hiperbólico que a nova era apresenta: “Hipercapitalismo, hiperclasses, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado [...]” (p. 53).

Nessa esteira de pensamento, a psicanálise lacaniana utiliza-se da expressão, a hipermodernidade, para enfatizar uma alteração de registro por meio da exacerbação do que está posto. Caracterizando então a hipermodernidade, Miller citado por Vieira (2004) indica que estamos vivenciando uma era na qual o Outro não mais existe, este Outro da cultura, da linguagem, isto é, este Outro barrado. Isso significa que não estamos mais diante de um Outro social que prediz um certo limite que, dentro da teoria lacaniana, seria representado pelo Outro Todo. Vieira (2004) nos convoca a retomar os ensinamentos de Lacan no Seminário 20 – *Mais, ainda* quando este trabalha acerca da lógica de que aquilo que funda a regra é a exceção.

Antes de dar continuidade à discussão entre esse Outro Todo e o que seria o Outro não-Todo, é preciso resgatar o denominado “mito científico” freudiano do pai primevo descrito em *Totem e Tabu* (FREUD, 1913[1912-1913]/1996). O pai primevo possui a particularidade de ser único pois, ao fundar um conjunto no qual todos seriam submetidos à função fálica, a não ser ele próprio, caracteriza a si mesmo como a exceção. Todavia, no momento em

que é assassinado pelos filhos, personificando ao mesmo tempo o Totem (o ideal) e o Tabu (a interdição) (GUERRA; ANDRADE, 2018), é fundada a lei simbólica em torno desse pai morto e, assim, pode-se dizer que a sociedade se deu em “nome-do-pai” a partir da renúncia às pulsões individuais em prol de um coletivo.

Em contraposição ao Totem e Tabu, temos o mito de Moisés e o Monoteísmo (FREUD, 1939[1934-38]/1996) no qual Moisés, como suposto estrangeiro, não representava uma possibilidade de identificação ao povo judeu, não era possível, dessa forma, formar um Todo, pois não existia algo simbólico que os unificava (GUERRA; ANDRADE, 2018). Assim, ao matar Moisés, o povo funda uma sociedade diferente da estabelecida no mito anterior, visto que se monta agora uma sociedade na qual não há um Outro simbólico capaz de construir uma comunidade fechada em si mesma. É, portanto, uma comunidade formada por um Outro não-Todo. O que ambos os mitos nos mostram, portanto, é que o Todo não é configurado como inteiro, mas sim formado porque algo ali falta: a exceção; e, no mesmo sentido, o não-Todo é aquele que não se limita, ou seja, nada lhe falta.

Ao dizer que a nossa hipermodernidade se caracteriza por uma sociedade na qual o que impera é o Outro não-Todo, Miller citado por Vieira (2004) remonta o que já havia apontado Deleuze (1972-1990/1992) sobre o caráter acéfalo daquilo que hoje nos controla, como um Outro onipresente que não mais possui o rosto do pai ou o nome da lei, derrubando os muros que cerceavam os limites entre o público e o privado legitimando, de certa forma, a exploração do outro enquanto semelhante para aquilo que me convém, ou seja, há a queda do eixo imaginário que permitia a identificação com os pares, inaugurando-se uma sociedade do hiperindividualismo.

Essas são consequências da incidência do discurso da ciência atrelado aos efeitos do sistema capitalista na cultura, que instituem sujeitos submetidos ao novo hiperativo social que os obriga a gozar a qualquer custo e sem limite algum. O supereu antigo, que possuía um importante papel de regulador de gozo, agora dá lugar a um supereu novo que funciona como um hiperativo desse gozo, isto é, o mestre antigo ilustrado pelo imperador a beira do Coliseu que detinha em suas mãos o poder de “deixar viver ou fazer morrer” é destronado pelo mestre cientista que, por meio de aparelhos tecnológicos e pesquisas laboratoriais, obriga-nos a viver a qualquer custo. A ciência, como é bem colocado por Cougo e Vieira (2014), empreende uma sociedade na qual não há fronteiras para o conhecimento, agindo sobre os fenômenos de forma a postular leis de funcionamento que explicitam o seu modo de operar. Assim, o real da natureza se configura como acessível e teorizável, não existindo lugar para o inalcançável, para o vazio.

Uma vez que o sujeito da psicanálise se localiza exatamente nesse espaço vazio, o qual Lacan (1964/2008) chamou de hiância, o que acontece quando esse hiato é tamponado pelos saberes da ciência e pelas exigências do mercado? Emerge uma nova categoria de sujeitos, suprimidos em sua própria estrutura, comprimidos em cápsulas medicamentosas que movimentam a indústria farmacêutica e, não obstante, devorados pelos objetos de consumo que são oferecidos como aquilo que lhes falta para alcançar a tão sonhada felicidade.

Portanto, não se configuraria um erro afirmar que a hipermodernidade se caracteriza como um período no qual o desejo se vê eclipsado por uma miríade de incontáveis objetos capazes de fazer às vezes de seu objeto. Nesta perspectiva o desejo parece não mais se figurar no abstrato, posto que se verifica materializado em inúmeras possibilidades de consumo. O objeto, antes perdido para sempre, agora revela-se ser facilmente encontrado, em todas as cores, formas e tamanhos, nas prateleiras das lojas. No entanto, cumpre destacar que faz parte da estrutura mesma do objeto, objetar: “o objeto é *aquilo que objeta*, aquilo que perturba o funcionamento tranquilo das coisas” (ZIZEK, 2008, p. 31). Dito de outra maneira, se a hipermodernidade multiplica os objetos de consumo, ela também torna ainda mais saliente a posição passiva do sujeito em meio a isso, posto que “a atividade do sujeito, em seu aspecto mais fundamental, é a atividade de sujeitar-se ao inevitável” (p. 31) do desejo do Outro, respondendo em sua impotência própria em desejar.

4 O OBJETO A: DO VAZIO AO EXCESSO

O Objeto *a* é a formulação de Lacan que se tornou um ponto nodal imprescindível na teoria psicanalítica. Teorizado a partir do *das Ding* (a Coisa) de Freud, esse conceito é apresentado nos anos de 1960, entre as especulações do campo da linguagem, nos anos de 1950, e do campo do gozo, nos anos de 1970 (QUINET, 2009), relacionando-se assim, com conceitos como o da pulsão e o da angústia. Nesse sentido, entende-se que o objeto *a* teria duas configurações, uma primeira como objeto causa de desejo e uma segunda como objeto mais-de-gozar.

Lacan (1964/2008), trabalhando em função do objeto *a*, diz que é sobre ele que a pulsão se fecha em seu circuito, e que esse objeto não se trata de algo palpável, trata-se de um vazio. O objeto *a*, portanto, é o que representa uma perda, algo que é, de certa forma, um fracasso, fracasso este que é exatamente o que faz o circuito pulsional se movimentar em função sempre de um desencontro, do impossível de alcançar justamente por ser para sempre perdido. É em função disso que Roudinesco e Plon (1998) definem o objeto *a* como “o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável” (p. 551). Isso quer dizer

que o objeto *a*, em sua primeira configuração, e a partir da conexão com o circuito pulsional, não é o objeto em si de desejo do sujeito, mas sim o objeto que *causa* esse desejo, fazendo, assim, o movimento permanecer constante.

É importante sinalizar, além disso, qual é o lugar desse objeto na dinâmica da constituição do sujeito, em qual lugar esse objeto é originado, ou melhor, de onde é que ele cai. A partir da dinâmica de alienação e separação (LACAN, 1964/2008) é possível indicar esse processo, de forma que, na separação, a introdução da metáfora paterna possui como função a anulação da unidade existente entre a mãe e a criança, que fora adquirida anteriormente por meio da alienação. Quando o Nome-do-Pai aparece, o Outro materno mostra-se incompleto, fazendo com que o sujeito em construção perceba que esse Outro é faltoso, é um sujeito do desejo, isto é, um sujeito que possui o objeto *a* como um parceiro fantasmático que sustenta a sua ilusão de completude (FINK, 1998). Apenas ao perceber a falta constitutiva do Outro é que o sujeito advém também como desejante e, portanto, regulado pela falta. O objeto *a*, em vista disso, é o que cai na separação, é aquilo que pertence à relação e que ao mesmo tempo não pertence nem ao sujeito, nem ao Outro (QUINET, 1997), é o objeto que faz nascer o desejo em função de um eterno vazio.

Em contraponto a esse vazio, a segunda configuração do objeto *a* traz, em certa medida, um excesso. O objeto mais-de-gozar situa-se no campo do gozo, remetendo a um excesso insuportável de prazer e construído a partir do campo do real, ou seja, de algo impossível: impossível de simbolizar, de nomear e de suportar, retornando então a definição de Roudinesco e Plon (1998, p. 552) que passa a reconhecer o objeto do desejo como desvinculado do simbólico, do próprio significante, e passando a identificar-se a um gozo puro.

É a partir do conceito de mais-valia de Marx (1867/1996) que Lacan teoriza acerca do objeto mais-de-gozar. Assim como na mais-valia há a exploração do proletário em função de um ganho a mais de lucro ao burguês, o objeto *a*, nessa condição, faz com que os sujeitos sejam colocados em uma posição de exploradores em potencial, a fim de conseguir um grau de vantagem uns sobre os outros. Vantagens estas, como explica Quinet (2009) que, atreladas ao discurso da ciência e a supremacia do capitalismo, possuem a finalidade de dar ao sujeito a chance de consumir ainda mais, encarnando a promessa cada vez mais constante do excesso.

5 O LAÇO SOCIAL E O MAL-ESTAR: DO DISCURSO DO MESTRE AO DISCURSO DO CAPITALISTA

Uma das teses centrais do texto *Mal-estar na civilização* cunhado por Freud (1930[1929]/1996) aponta que o laço com o outro é fonte constante de mal-estar nos sujeitos, isso porque, como já apresentamos no desenvolvimento deste artigo, é necessário a renúncia de uma parte da pulsão individual para que se possa estabelecer uma vida em sociedade. O estabelecimento do laço social, portanto, implica em uma perda importante, mas, consequentemente, ganha-se a possibilidade de se relacionar com os outros enquanto pares.

Por meio de sua leitura de Freud, Lacan (1969-1970/2016) discute acerca do laço social estruturando-o a partir de discursos, justamente pela característica de ser tecido e organizado por meio da linguagem. Seguindo a mesma lógica do *Mal-estar na civilização*, o autor do *Seminário 17 – O avesso da Psicanálise*, aponta o discurso como o modo por meio do qual a pulsão pode ser enquadrada e, por conseguinte, há a perda real de gozo, significando que no processo civilizatório o que acontece é um emparelhamento do gozo com a linguagem, culminando na conclusão de que o laço com o Outro seria uma maneira de impor um limite ao sujeito, de alguma forma (QUINET, 2009).

Em *Análise terminável e interminável* (1937/1996), Freud discorre sobre as três profissões impossíveis: educar, governar e psicanalisar; e é de acordo com elas que Lacan, no *Averso da Psicanálise* (1969-1970/2016), sugere quatro formas de discursos, quatro modos de laço social que se amarram sobre esse impossível. O impossível de “governar” é transposto para o Discurso do Mestre, onde o que controla é o poder; O impossível de “educar”, organiza-se no Discurso do Universitário, dominado pelo saber; e o impossível de “analisar” torna-se o Discurso do Analista. Afinado a esses três, Lacan acrescenta um quarto impossível, aquele que nos fora ensinado por Freud ao longo de seus estudos sobre a teoria psicanalítica: o impossível de se fazer desejar que, logo, compõe o Discurso da Histérica, no qual impera um sujeito da interrogação, que provocará a produção de um saber, tal qual fizeram as históricas a Freud.

Os discursos lacanianos então, são organizados pela permutação de quatro elementos em quatro posições diferentes. Quinet, em seu livro *Psicose e Laço Social* (2009), expõe de maneira clara essa estrutura, assim, nos utilizaremos de suas elucidações acerca dos elementos e das posições a seguir.

O primeiro elemento é o S_1 , o significante-mestre que, por sua posição de comando, é o que ordenará toda a cadeia significante. O segundo elemento é o S_2 , que representa todo o

saber que é produzido enquanto cadeia de significante, a partir da repetição. O terceiro é o $\$$, sujeito do inconsciente, sujeito barrado pela linguagem. E o último é o objeto a , em suas duas dimensões já explicitadas: causa de desejo e mais-de-gozar (QUINET, 2009). As quatro posições pelas quais os elementos transitarão são as de *agente* e *verdade*, ambas no campo do sujeito; a do *outro* e da *produção*, integrantes do campo do outro, como exemplificado abaixo:

Figura 1



Fonte: QUINET, 2009

A lógica das posições, portanto, é explicada de forma que o agente trata o outro de uma determinada forma, e dessa relação algo é produzido. Por outro lado, há sempre uma verdade por trás da ação do agente, que é exatamente aquilo que o fundamenta.

O primeiro discurso explicitado no *Seminário 17* é o Discurso do Mestre, cuja estrutura se dá com o S_1 no lugar de agente, seguido pelo S_2 na posição do outro, o objeto a como produção e o $\$$ ocupando o espaço da verdade. A leitura de Quinet (2009) sobre essa dinâmica é a seguinte: como se trata de um discurso dominado pelo poder, o agente exerce sua força sobre aquele que domina, obrigando-o a produzir objetos para o gozo do mestre. No entanto, é o Outro, mesmo subjugado ao agente, quem possui o saber e, conseqüentemente, a verdade que se esconde é a de que o mestre também é limitado, castrado.

O que se observa nesse discurso é que, mesmo por meio da dominação do agente sobre o outro existe aí uma relação, há um movimento que faz o agente sair do campo sujeito para estabelecer um laço com o outro, o que seria então um “laço civilizador que exige a renúncia pulsional promovendo o rechaço do gozo” (QUINET, 2009, p. 36), sendo possível de localizar ainda o mal-estar na relação entre os sujeitos. Todavia, acompanhando de perto toda a evolução de uma época, Lacan conclui o estabelecimento de uma nova forma de laço que se dá por uma “inversão [no Discurso do Mestre] simplesmente entre o S_1 e o $\$$ [...], basta para que isso ande como sobre rodinhas, não poderia andar melhor, mas, justamente, anda rápido demais, se consome, se consome tão bem que se consuma” (LACAN, 1972, p. 17-18) e transforma-se, então, no Discurso do Capitalista.

Lacan em *Televisão*, citado por Quinet (2009), dispõe o mal-estar da modernidade de sua época como uma resposta a esse novo discurso proposto por ele. Dito de outro modo, o

Discurso do Capitalista representaria o modelo dominante de laço social desta sociedade imersa no referido sistema econômico. No entanto, a principal estranheza que esse discurso aponta em relação aos outros quatro, é o modo por meio do qual o laço é estabelecido, constituindo-se como o único discurso no qual não há laço firmado entre o sujeito e o outro, excluindo, portanto, o Outro social da cena.

Se o laço não se dá com o outro, de que modo esse sujeito se amarra no discurso? Retomamos agora a lógica do mercado da hipermodernidade, na qual os objetos fabricados pela ciência e tecnologia são vendidos sob a rubrica da promessa de satisfação, que mesmo ilusória se condensa no objeto mais-de-gozar a fim de garantir o gozo sem limites. A ciência, colocada como o outro do discurso, em função do significante-mestre “capital” (S₁), fabrica inúmeros objetos a fim de serem estampados como objetos pulsionais, reduzindo o § a um mero consumidor (QUINET, 2009). Estes objetos da ciência são denominados *gadgets* e é com, e a partir deles, que o sujeito hipermoderno faz laço, elevando-os então ao *status* de objetos *de* desejo, culminando na noção de que o fantasma da completude não está mais sobre o Outro, mas sim sobre os objetos-produtos, como ilustram os matemas a seguir:

Discurso do Mestre

$$\frac{S_1}{\S} \longrightarrow \frac{S_2}{a}$$

Discurso do Capitalista⁴

$$\frac{\S}{S_1} \begin{matrix} \nearrow \\ \searrow \end{matrix} \frac{S_2}{a}$$

Goldenberg (2014), salienta que o § no Discurso do Capitalista da hipermodernidade, por não fazer laço com o Outro social, não dispõe do recurso a identificação, e que, por isso, funciona como um hiperativo no qual o significante-mestre “capital” o obriga a consumir. Dessa maneira, podemos inferir que se aproxima do Discurso do Mestre por funcionar sob uma lógica de dominação, mas que, ao mesmo tempo, difere-se deste pelo caráter sem face daquilo que domina, que esconde, inclusive o sujeito, à sombra da cifra do dinheiro.

⁴ As figuras dos discursos do Mestre e do Capitalista ilustram mais claramente a diferença entre ambos. Enquanto na parte superior do Discurso do Mestre o movimento da seta nos mostra a relação estabelecida entre o agente e o outro, no Discurso do Capitalista a seta diagonal atesta que o laço se dá entre o agente e a produção. Bem como, ao inverter o lado esquerdo da fórmula, o agente do Discurso do Capitalista passa a ser o sujeito barrado, e não mais um significante-mestre. O sujeito barrado e, portanto, faltoso, é aquele que está na tentativa constante de suprir o que lhe falta por meio dessa relação diagonal com os objetos do capitalismo, os *gadgets*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos aprofundarmos nas questões que dizem respeito as influências do hiperconsumo na subjetividade contemporânea, pudemos nos deparar com aspectos que se entrelaçam fortemente com o discurso lacaniano do capitalista. O sujeito hipermoderno, vimos, é um sujeito que atua sem limites, um sujeito que encena a não-castração por ser controlado por um Outro não-*Todo* ao qual nada falta. Dessa mesma maneira, esse sujeito é inclinado a viver de forma a obter-se completamente, forcluindo o vazio constitutivo ao saturar-se nos *gadgets* da ciência.

A relação direta que o Discurso do Capitalista mostra entre o sujeito e os objetos ($S \rightarrow a$), implica exatamente nessa supressão da lacuna estrutural, influenciando diretamente no que condiz a relação com os outros, como é muito bem explicitado por Rosa (2010), quando escreve que

[...] um sujeito pode tomar um automóvel como uma falsa mulher, isso nos permite assinalar a particularidade das parcerias com esses objetos, os *gadgets*, que não interpelam o sujeito quanto ao seu desejo, quanto ao seu amor e nem quanto ao seu gozo, parcerias nas quais ele acaba fazendo economia do laço social com o Outro (ROSA, 2010, p. 169).

Nesse sentido, além do eixo imaginário da identificação com os pares, há algo dos campos simbólicos da castração que também é forcluído pelo Discurso do Capitalista: as chamadas coisas do amor (GOLDENBERG, 2014). Se amar, em seu sentido simbólico, significa dar a falta (LACAN, 1960-1961/1992), o sujeito hipermoderno então, nada tem a oferecer ao amor, apenas uma imensa sacola lotada de seus excessos.

Essa dificuldade em lidar com o vazio e a busca constante de preenchê-lo, está presente em diversas pesquisas acadêmicas, seja no âmbito mesmo do consumo, no excesso da medicalização, entre outros, o que nos atesta que este modo de subjetivação contemporâneo se constitui como um sintoma social que carrega consigo a imensa nuvem do mal-estar de uma época. A clínica psicanalítica, nesse sentido, aparece como um depositário dessas questões e, na medida em que propõe a histerização do discurso, busca a emersão de um sujeito que consiga extrair, cavando em seu próprio buraco, aquilo que faz, de maneira única e singular, circular o seu desejo.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2002.

BADIOU, A., & CASSIN, B. (2013). Não há relação sexual: duas lições sobre ‘O aturdido’ de Lacan. Rio de Janeiro: Zahar.

COUGO, Raquel H. F. do A.; Vieira, Marcus A. Do universo infinito ao mercado ilimitado – a hipermodernidade de Jacques Lacan. **Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro, v. 46.1, p. 44 – 54. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v46n1/v46n1a04.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2019.

DELEUZE, Gilles. (1972-1990/1992). Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. Rio de Janeiro. ed. 34. p. 219 – 226. 1972-1990/1992.

DESCARTES, René. Discurso do método. Lisboa: Edições 70, 1988.

DUNKER, Christian I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. São Paulo. Boitempo, 2015.

DUNKER, Christian I. L. **O cálculo neurótico do gozo**. São Paulo: Escuta, 2002.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2010.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREUD, Sigmund. A Interpretação dos Sonhos (1900). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. 5, p. 541-650.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. 18, p. 11-72.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. 23, p. 135- 164.

FREUD, Sigmund. Mal-estar na civilização (1930[1929]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. 21, p. 38-97.

FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo três ensaios (1939 [1934-38]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. 23, p. 3 - 88.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1913 [1912-1913]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. 13, p. 3 - 115.

GERBASE, Jairo. **A hipótese lacaniana**. Salvador: Campo Psicanalítico, 2011.

GOLDENBERG, Mario. Discurso do capitalista. In: Associação mundial de psicanálise. **Um real para o século XXI**. Editora Scriptum, 2014.

GUERRA, Andréa. M. C.; ANDRADE, Hudson. V. de. Sobre a teoria da nomeação em J. Lacan: do ato à invenção. In: GUERRA, Andréa. M. C.; VORCARO, Angela. M. R. **A teoria da nomeação da obra de Jacques Lacan**. Belo Horizonte. Editora CRV, 2018. p. 17 – 29.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. São Paulo: Editora Vozes, 2005.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade (1965). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 869-892.

LACAN, Jacques. **Do discurso psicanalítico** (conferência de Lacan em Milão) (1972). Tradução: Sandra Regina Felgueiras. 25 p. Disponível em: <<http://lacanempdf.blogspot.com/2017/07/do-discurso-psicanalitico-conferencia.html>> Acesso em: 15 jan. 2019.

LACAN, Jacques. Joyce, o sintoma (1975). In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 565 – 570.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante** (1971). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: mais, ainda** (1972-73). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **Seminário livro 17: O avesso da Psicanálise** (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 8: a transferência** (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. (1967-68). **O ato psicanalítico: seminário:1967-1968**. Versão não comercial.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 807-842.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo. Editora Barcarolla, 2004.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política – Volume I (1867). In: SINGER, P. **Os economistas**. Editora Nova Cultura. São Paulo. 1996.

MILNER, J, -C. **A obra clara**: Lacan, a ciência, a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PORGE, E. Sujeito. In: P. KAUFMANN. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 501-510.

QUINET, Antonio. O olhar como um objeto (1997). In: BROUSE, M. H. **Para ler o Seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 155 – 163.

QUINET, Antonio. **Psicose e laço social**. 2 ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2009.

ROSA, Márcia. Jacques Lacan e a clínica do consumo. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro. v. 22, n. 1, p. 157 – 171, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v22n1/a10v22n1.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2019.

ROUDINECO, Elizabeth; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO – SPC Brasil. **Impacto das emoções nas compras por impulso**. 2016. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/analise_compras_impulso_sentimentos_janeiro_20161.pdf> Acesso em: 15 jan. 2019.

SILVA, Mardem Leandro. **A conjectura lógica de Jacques Lacan**: a lógica como ciência do real. 2019. 403 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belo Horizonte.

SILVA, Mardem Leandro. **A hipótese fantasma**: a função do fantasma na construção do conhecimento. 2014. 221 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São João del-Rei, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São João del-Rei.

SILVA, Naiara Pereira da; VAZ, Anna Isabel Araújo. Desejo, consumismo e Subjetivação. **Revistas PUC-SP**. p. 27 – 42, 2018. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/leituraflutuante/issue/download/1933/129>> Acesso em: 15 jan. 2019.

TOREZAN, Zélia. C. Facci.; AGUIAR, Fernando. (2011). O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Mal-estar e subjetividade**. Fortaleza. v.11, n. 2, p. 525-554, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v11n2/04.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2019.

VIEIRA, Marcus André. A (hiper)modernidade lacaniana. **Latusa**. Rio de Janeiro, n. 9, p. 69 – 82, 2004. Disponível em: <http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/a_hipermodernidade_lacaniana_pdf_1.pdf> Acesso em: 15 jan. 2019.

ZIZEK, Slavoj. **O sujeito incômodo**: o centro ausente da ontologia política. São Paulo: Boitempo, 2008.